

SAÚDE

FOTOS: DIVULGAÇÃO



CAUSAS VARIADAS. A dor crônica pode ter diversas causas, como inflamações, doenças crônicas e câncer

SOFRIMENTO SILENCIOSO

A dor crônica atinge quase metade da população brasileira, mas dificuldade no diagnóstico e tratamento ainda frustra muitos pacientes

EDUARDO FREGATTO

Mais de oito milhões de pessoas, em todo o mundo, sofrem com dor crônica, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, o percentual pode chegar a 40% da população. Frustrados em razão da dificuldade do diagnóstico e tratamento, muitos pacientes visitam vários médicos, mas desistem de continuar a busca por ajuda.

A dificuldade em obter a medicação necessária também faz com que grande parte dos brasileiros “aprenda” a conviver com a dor, ainda que as crises atrapalhem a vida social e profissional.

“O uso de analgésicos opioides (utilizados para tratamento paliativo da dor, em doenças terminais ou crônicas) é muito baixo no Brasil, em comparação com os países mais desenvolvidos, como os Estados Unidos”, afirma a oncologista Andrea Naves, diretora médica da Mundipharma, que desenvolveu o Mapa da Dor no Brasil.

De acordo com relatório publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no início do ano, mais da metade de população mundial, cerca de 5,5 bilhões de pessoas, não tem acesso aos medicamentos para dor crônica.

Andrea afirma que países da América Latina, incluindo o Brasil, figuram entre os locais mais críticos. “Aqui, a prescrição de analgésicos é muito baixa, falta conscienti-

Saiba

Dados sobre a dor crônica

- Mais de 80% dos brasileiros sentem dor de cabeça
- 34% sentem dores psicológicas
- 54% têm dores abdominais
- 39% sentem dores musculares
- 76% dizem que a dor atrapalha a rotina diária
- 36% sofrem efeitos negativos no trabalho
- 33% sentem a disposição sexual afetada

zação dos médicos, de saber que este é um tratamento legítimo. Há muitos outros medicamentos que ainda não foram aprovados no Brasil; e, por último, é preciso que estes medicamentos estejam disponíveis tanto na rede pública de saúde quanto na privada”, finaliza.

MAPA DA DOR

Os dados divulgados no Mapa da Dor no Brasil, que entrevistou 800 brasileiros de diferentes regiões do País, demonstram que apenas 20% das pessoas com dor crônica buscam tratamento. A maioria, 80%, sofre com dor de cabeça, e 60% deixa de praticar atividades de lazer e do trabalho por conta das crises de dor.

“Existe prevalência impor-



Infelizmente, a gente vê pacientes que procuram vários médicos, têm a dor subtratada, gastam tempo e dinheiro, atrasando um tratamento definitivo que pode devolver a qualidade de vida”

Andrea Naves, oncologista

tante de dor crônica na nossa população em idade produtiva. Pessoas que, no auge da vida, já convivem com dor. Isso traz impacto na vida em geral. O indivíduo consome menos, tem vida social menos intensa do que poderia ter, falta muito ao trabalho”, define a médica.

Chama atenção o grande número de pessoas que sofrem com a dor crônica decorrente do câncer. “Médicos e pacientes encaram a dor crônica como parte integrante da doença e passam a ‘aceitar’ essa dor”, argumenta Andrea.

ALTERNATIVAS

“A dor causa transtorno psicológico, o sofrimento ultrapassa a dor física”, diz a especialista. Além do tratamento me-

dicamentoso, os pacientes podem ter melhor qualidade de vida com outras medidas, como o apoio psicológico do paciente e de seu cuidador e família, a fisioterapia, atividades físicas e de lazer.

“O sedentarismo acaba sendo um dos fatores mais prevalentes em casos de dor crônica não relacionada ao câncer. A falta de atividade física pode levar a posturas erradas e dores na coluna, por exemplo”.

CONSCIENTIZAÇÃO

Para informar a população de que é possível tratar a dor crônica e retomar a qualidade de vida, são necessárias campanhas educativas tanto para pacientes quanto para a classe médica.

“Nós temos uma série de programas com palestrantes de fora, com líderes de opinião, que vêm ao Brasil para visitar instituições e discutir sobre a importância do tema, levar noção de que há tratamentos, sim, e que vão além de medicamentos”, defende Andrea.

No início do mês, no Fórum de Dor em Câncer, da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica, o especialista em dor crônica Barry Cole, dos Estados Unidos, veio ao Brasil discutir justamente a importância de falar sobre o assunto.

“A desinformação e a percepção negativa a respeito de drogas controladas aumentam as barreiras e dificultam o acesso da população a esse tipo de tratamento”, afirmou.

Repercussão

Filme levantou discussão sobre a dor crônica

Pouco abordada na mídia e ficção, a dor crônica virou debate nos Estados Unidos com o lançamento, neste ano, do filme “Cake”, estrelado pela atriz Jennifer Aniston.

Na trama, a estrela surge com cicatrizes no rosto, na pele de uma mulher que convive com a dor crônica e busca ajuda em remédios e grupos de apoio.

Com baixo orçamento e lançamento independente em festivais, o longa-metragem obteve sucesso comercial e chamou atenção do público para a dor crônica.

“Muitas pessoas que sofrem com a doença têm me procurado para falar que vivem a situação da minha personagem. A história traz uma mensagem positiva para estas pessoas que sofrem em silêncio”, declarou Aniston, sobre a repercussão.

Outra notícia positiva é a autorização de novos tratamentos para a dor crônica no Brasil, como a chegada do remédio “Restiva”.

Informações sobre a dor e tratamentos podem ser encontradas no endereço www.conhecedormundipharma.com.br.



SENSIBILIDADE. Transformação da atriz foi elogiada por pessoas que realmente sofrem com a dor crônica